

As mães contam que as crianças ficaram felizes com a participação nesta reportagem. Infelizmente, alguns dos pequenos foram vítimas de preconceito por parte dos colegas de escola que, provavelmente, reproduziam o comportamento preconceituoso dos pais. As mães corujas, no entanto, sempre orientaram os filhos a não se abalarem.

“Em uma ocasião, os colegas disseram ao Vinícius que o pai dele era ‘viado’. Ele respondeu: ‘Não tenho pai’. Veio o contra-ataque: ‘Então sua mãe é sapatão’. Ele se saiu lindamente nesse dia e afirmou: ‘É mesmo, as duas, inclusive!’ E nada mais lhe disseram”, relata Angélica.

Minhas mães e eu

A estudante Giovanna Tati, 21, também conta ter sofrido preconceito na época da escola, uma vez que é filha de duas mães. Apesar de ter passado por situações bastante desconfortáveis e absurdas, a jovem encarou tudo de cabeça erguida, como sua família a ensinou. “Acho que o primeiro ponto que precisa ser melhorado é o jeito como as famílias formadas por casais homoafetivos são tratadas. As pessoas me veem como um experimento de laboratório, sempre questionando a dinâmica da minha família, como se fôssemos extraterrestres”, desabafa.

Soraia Braga Lopes, 53, uma das mães de Giovanna, é servidora pública aposentada, casada há 30 anos com Carmem Lúcia, 48. As duas se conheceram graças a uma coincidência do destino, em um bar em Taguatinga. Depois desse encontro, não se desgrudaram mais e, após conquistarem a sonhada estabilidade financeira, decidiram que teriam uma filha. Um amigo do casal se dispôs a contribuir com o material genético.



Giovanna aprendeu a superar o preconceito por ter duas mães: Carmen (e) e Soraia (c)

Fotos: Arquivo Pessoal

“Durante toda a vida, a Giovanna sempre me chamou de ‘amor’, e Carmem, que a gerou, de mãe. Agora que está adulta, chama nós duas de mãe”, conta Soraia. “É maravilhoso ser mãe, ter formado uma família, nós somos muito unidas, e a Giovanna é uma filha maravilhosa.”

De primeira viagem

A história de Jacqueline e Manuella começou com a distância. As duas passaram três anos apenas como amigas, mas, quando uma delas ficou um tempo fora do país, elas se aproximaram ainda mais. As chamadas de vídeo intermináveis mostravam que um lindo romance ainda aconteceria. E assim foi. Desde que Jacqueline pisou no aeroporto, não se desgrudaram mais. Conquistaram muitas coisas juntas, como casa e emprego. Casaram-se e, agora, realizarão mais um sonho: o de serem mães.

“Decidimos ter um filho desde o primeiro dia juntas. Já era uma vontade individual nossa, que aumentou ainda mais, justamente por ver esse sonho de criança de cada uma sendo compartilhado pela outra de forma tão sincera”, conta a estudante de direito Jacqueline Canavarro, 31, que está gestando o bebê, após inseminação.

Inspiradas a ajudar outras mulheres na mesma situação, Manu e Jac decidiram criar um perfil no Instagram (@comduasmaes) para compartilhar dicas, anseios e experiências. Antônio, primeiro filho do casal, chegará em algumas semanas. “Nós sonhamos com esse momento desde que éramos crianças, e jamais nos permitimos abrir mão disso apenas por sermos lésbicas. O nosso filho será a concretização da nossa família e o retrato da nossa resistência”, alegam-se as futuras mães.



Jacqueline e Manuella aguardam ansiosas a chegada de Antônio

*Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte